Suicídio Por Amor

Nesta edicão de Setembro de 1858 da RE, Kardec apresenta o caso de Louis G., um oficial sapateiro, que sete ou oito meses antes havia cometido suicídio à porta de sua namorada, Victorine R. que era a costureira de botinas.

Certa vez, Victorine R. e Louis G, que já estavam noivos, entraram em discussão profunda por um motivo banal, a ponto de Luís levantar-se e prometer nunca mais voltar.



Imagem Internet

No dia seguinte, de *cabeça fria*, o rapaz foi desculpar-se, mas não obteve êxito: Victorine R. se recusou reconciliar, a despeito de seu desespero.

Passados mais alguns dias, achando que sua amada seria razoável, Louis foi tentar novamente o pedido de desculpas, ao que foi novamente rechaçado. À porta de sua amada, disse-lhe: “Então adeus, ó malvada!” exclamou enfim o pobre rapaz, “Adeus para sempre! Procure um marido que a queira tanto quanto eu!” –

e cravou no peito a sua faca de sapateiro, expirando ali mesmo.

Este artigo sobre a historia de Louis G e Victorine R. foi publicado na Siècle em 7 de abril de 1858.

Buscando obter ensinamentos morais sobre o fato, no dia 10 de agosto de 1858 Kardec evoca São Luís:

1. — A moça, causa involuntária da morte do namorado, tem responsabilidade? — *Sim, porque não o amava.*

Comentário: Causa estranhamento inicial esta resposta. Alguém tem culpa por não amar outra pessoa? Vamos entender.

2. — Para evitar essa desgraça, deveria ela desposá-lo, embora não o amasse? — *Ela buscava uma ocasião para se separar dele; fez no começo de sua ligação o que teria feito mais tarde.*

Comentário: Aqui, São Luís está dizendo que, cedo ou mais tarde, ela se separaria dele, pois, entendemos, não o amava realmente.

3. — Assim a culpabilidade consiste em ter nele alimentado sentimentos de que não partilhava e que foram a causa da morte do rapaz? — *Sim. É isto mesmo.*

4. — Neste caso, sua responsabilidade deve ser proporcional à falta, que não deve ser tão grande quanto se ela tivesse, de caso pensado, provocado a morte. — *Isto salta aos olhos.*

Comentário: Sua "culpa" não era tão grande porque ela não quis efetivamente a desgraça do outro. Apenas alimentou algo que lhe causou sofrimento.

Observação: *Lembrando que "culpa" aqui não é algo perante a um juiz externo, mas ante à sua própria consciência. Afinal, é de supor que, desde aquele momento, ela deve ter carregado algum sentimento de culpa por conta da desgraça ocorrida com o rapaz.*

5. — O suicídio de Louis G. encontra justificativa no desvario em que o mergulhou a obstinação de Victorine? — *Sim, porque seu suicídio, provocado pelo amor, é menos criminoso aos olhos de Deus do que o do homem que quer livrar-se da vida por covardia.*

Comentário: Aqui, quando se fala em "crime aos olhos de Deus", precisamos compreender que era um neologismo de época. O "crime" está em se impor uma perda de tempo, talvez com um grande acúmulo de sofrimento, por conta da prova não vencida. Importa lembrar, também, dois aspectos: o primeiro é que S. Luís é um Espírito que foi, na vida, católico. O segundo é que, mesmo que ele não traga conceitos do catolicismo, ele falava conforme lhe poderiam entender.

Observação: *Dizendo que esse suicídio é menos criminoso aos olhos de Deus, evidentemente significa que há criminalidade, posto que menor. A falta consiste na fraqueza que ele não soube vencer. É sem dúvida uma prova a que sucumbiu. Ora, os Espíritos nos ensinam que o mérito está em lutar vitoriosamente contra as provas de todo gênero, que são a essência da vida terrena.*

Aqui temos dois problemas a discutir. O primeiro é reforçar o conhecimento trazido pelo Espiritismo, que apresenta suas conclusões, sem o intento de criar fantasias que tentem subjugar pelo medo. O suicídio, tido para muitos como algo que vai jogar a alma num inferno – seja lá que nome se dê para isso – e até fazer com que ela nasça com deformações na próxima vida, na realidade tem efeitos diversos, dependendo de cada ser e cada situação.

Em segundo lugar, de forma alguma São Luís está dizendo que o suicídio por amor é algo bom: ele apenas é mais escusável, ante à própria consciência, porque é praticamente um estado de loucura, enquanto que aquele que se mata para fugir à vida o faz quase sempre de caso pensado, e isso lhe causará um sofrimento maior quando constatar a verdade.

Dias depois, Kardec evoca o Espírito de Louis G., o suicída, lhe dirigindo as seguintes perguntas:

1. − Que pensais da ação que praticastes? − *Victorine é uma ingrata. Errei em matar-me por ela, pois ela não o merecia.*

2. − Então ela não vos amava? − *Não. A princípio pensou que sim, mas estava iludida. A cena que fiz abriu-lhe os olhos. Depois, sentiu-se feliz com esse pretexto para desembaraçar-se de mim.*

3. − E vós a amáveis sinceramente? − *Eu tinha paixão por ela. Acredito que era apenas isso. Se eu a amasse com puro amor, não teria querido magoá-la.*

4. – Se ela soubesse que realmente queríeis matar-vos, ela teria persistido na recusa? – *Não sei. Não creio, pois ela não era má. Entretanto, teria sido infeliz.* ***Para ela foi melhor assim****.*

Vemos que esse Espírito chegou a uma conclusão importante, vendo que se matou por uma **paixão**. Ele entende que, se a amasse realmente, não teria querido magoá-la, isto é, não teria cometido um ato tão terrível a ponto de chocar-lhe tanto os sentimentos.

Paixão é um termo que designa um sentimento muito forte de atração por uma pessoa, objeto ou tema. A paixão é intensa, envolvente, um entusiasmo ou um desejo forte por qualquer coisa. O termo também é aplicado com frequência para designar um vívido interesse ou admiração por um ideal, causa ou atividade. No século XIX, a psicologia chamava de **paixões** o que hoje chamamos de **emoções.**

Quem sabe, numa nova encarnação, Um Espírito como esse que cometeu o suicídio, por ter encontrado essa lucidez, ao invés de planejar uma vida de sofrimentos como forma de castigo, não poderia escolher provas e oportunidades justamente para se dar a chance de aprender a se livrar das paixões, que frequentemente nos lançam na desgraça? Quantos assassinatos, aliás, se dão por aí não por ódio ou pensamento arquitetado no mal, mas simplesmente pelas **paixões** (hoje chamadas *emoções*)?

Continuando com o relato da evocação do suicida Louis G. :

5. – Ao chegar à sua porta tínheis intenção de vos matar, caso fosse recusado? – *Não. Nem pensava nisso. Não a supunha tão obstinada. Somente quando vi sua teimosia é que fui tomado por uma* ***vertigem****.*

6. – Parece que não lamentais o suicídio senão porque Victorine não o merecia. É vosso único sentimento? ***Neste momento, sim. Ainda me acho perturbado. Parece-me estar à sua porta. Sinto, porém, algo que não posso definir.***

7. – Compreendereis mais tarde? – *Sim, quando estiver desembaraçado... O que fiz foi ruim. Deveria tê-la deixado tranquila... Fui fraco e sofro as consequências...* ***Como vedes, a paixão leva o homem à cegueira e a cometer erros absurdos****.* ***Ele só compreende quando é tarde demai****s.*

8. – Dissestes que sofreis as consequências. Qual a pena que sofreis? – *Errei*

abreviando a vida. Não deveria tê-lo feito. Deveria resistir em vez de acabar com tudo prematuramente. […]

Comentário: ele não diz que estava sendo roído por vermes, nem que estava numa região infernal, nem que estava preso ao corpo, nada do tipo. No estado de perturbação em que se encontrava, sua mente se ligou à cena fatídica, origem dos seus sofrimentos morais presentes, e é nela que seu pensamento ficou preso. Ora, nós mesmos fazemos isso encarnados, todos os dias.

Aqui temos confirmado o estado de "loucura", levado pelas paixões, no qual entrou esse homem, que se matou num ato impensado. Quantos são os suicidas desse gênero? Contariam-se aos milhares, caso fosse algo divulgado. Infelizmente não é. Esses, sofrem, como sofria o Espírito de Louis G., por entenderem que o ato impensado lhes custou tempo e impôs sofrimentos a outrem. Daí a dizer que isso lhes levará a ficar anos se arrastando no "vale dos suicidas" ou que trarão para a nova encarnação alterações físicas por conta dessa culpa, há uma grande distância.

Se for pensar bem, ele nem queira se matar. foi um ato de raiva na hora. E pensamos que devemos nos deter muito nesse ensinamentos desse artigo, pois é um problema mundial da nossa sociedade atual. O número de suicídios aumentou muito. Vemos, aqui, o **quão urgente é** domarmos nossas *paixões*.

Observação: Esse relato de Louis G. consta do Livro O Céu e o Inferno de Allan Kardec.((1)) Livro O Céu e o Inferno de Allan Kardec, Editora FEAL, 2021, segunda parte, cap. V, pág. 337, o subtítulo: Louis e a Costureira de Calçados.